



UMA GENTE
MUITO
CATÓLICA

NUNO
MAGALHÃES
GUEDES

Uma gente muito católica

Título

Uma gente muito católica

Autor

Nuno Magalhães Guedes

Edição e copyright

Lucerna, Cascais

1.ª edição – Novembro de 2011

© Príncipia Editora, Lda. e Nuno Magalhães Guedes

Design da capa Maia Moura Design

Execução gráfica Madeira & Madeira Artes Gráficas, S.A.

ISBN 978-989-8516-27-5 • **Depósito legal** 334702/11

Lucerna

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal

Tel.: +351 214 678 710 • Fax: +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.lucerna.pt



A cópia ilegal viola os direitos
dos autores. Os prejudicados
somos todos nós.

Nuno Magalhães Guedes

Uma gente muito católica



CAPÍTULO 1

O Francisco era um zero na faculdade. Uma realidade que o preocupava sem exageros dramáticos. Nesse aspecto, como em quase todos os outros, a vida não lhe tinha sido pintada em cores fortes. Qualquer pensamento negro a propósito de nunca mais acabar o curso, de deixar arrastar umas miseráveis cadeiras que não havia meio de despachar era rapidamente equilibrado com facetas mais risonhas da sua existência. Como a namorada do momento, o torneio de futebol de sete das terças-feiras, um filme de pancadaria na sessão da meia-noite. Ou até pequenos triunfos relacionados com a sua capacidade invulgar de equilibrar pipocas umas em cima das outras antes de as engolir.

A vida não lhe corria mal nem bem.

De vez em quando, muito de longe em longe, sentia um buraco no estômago a pensar nos pais, lá na província, na terreola de Sobrado Loureiro, a esfolarem-se no negócio das bilhas do gás para pagarem as explicações à irmã mais nova e sustentarem a vida de pequeno nababo que ele se permitia levar. E aí só havia uma coisa a fazer: preencher depressa o tal buraco com um *kinder snack*, ou dois ou três de enfiada, da reserva permanente que mantinha justamente para esses momentos em que se tornava imperioso afogar em massa fofa de chocolate para miúdos pensamentos desnecessariamente desagradáveis.

«Quando tiveres vontade de trabalhar, levanta-te e vai buscar um *kinder snack* à espera que te passe», dizia muitas vezes o Francisco ao colega com quem dividia o pequeno apartamento. «É a minha filosofia de vida», explicava, mais para consumo próprio do que para completo esclarecimento do Jorge.

A crise, essa porcaria que parecia ter de meter o nariz em tudo, mesmo na sua vida, é que não vinha nada a calhar. E a crise mandara recado pelos pais, informando que a mesada, bastante confortável até aí, sofreria corte apreciável.

«Não há-de ser nada. Um dia destes vou procurar emprego.»

E pronto, o problema estava momentaneamente ultrapassado, atirado para dentro da gaveta dessa resolução que nem ele sabia ao certo se era para pôr em prática ou não. Como ideia, arranjar emprego soava bem.

Para já, chegava pensar assim, o que permitia passar a coisas mais prementes como o jogo de futebol na televisão. Abençoado Jorge, que continuava a pagar a assinatura do cabo!

O amigo até era porreirinho, apesar de por vezes ser um chato com a treta das arrumações. Nunca percebia muito bem porque é que o Jorge se passava com a desorganização do apartamento, se a ele a confusão parecia não incomodar demasiado.

Pronto! Lá estava o gajo outra vez!

– Eh pá! Assim também não!...

– Assim também não, o quê? – dignou-se perguntar o Francisco, sem tirar os olhos da televisão, dando mecanicamente seguimento ao queixume do amigo.

– Olha para isto – pediu secamente o Jorge.

– Para isto, o quê? – perguntou o Francisco, acompanhando a subida à linha de fundo do defesa lateral da equipa da casa.

– Para isto!

Havia qualquer coisa no tom glacial do Jorge que o fez voltar a cara:

– Ah! Isso?! – exclamou o Francisco aliviado, regressando de imediato às peripécias futebolísticas.

O «isso» era um monte de esterco. Umas chuteiras enlameadas, enfeitadas com umas meias nojentas, um lençol de banho a escorrer humidade, umas calças de ganga atiradas para um canto. Uma lista não exaustiva, muito pelo contrário.

– Ridículas, estas tuas boxers do Tazz! – partiu para a agressão o Jorge, apontando com ar agoniado a peça de roupa interior pendurada na maçaneta da porta da casa de banho.

– O que é que tens contra o superdiabo da Tasmânia? – perguntou o Francisco, imperturbável.

– Deves sentir-te um verdadeiro Capitão Tazz...

– Claro! E, se queres saber, também tenho umas boxers do Homem-Aranha.

– Já as devo ter visto algures por aí, de certeza. Talvez dentro do frigorífico. Ou no micro-ondas. No teu armário é que nunca estão...

– É pá, ó Jorge, que seca de conversa! Sempre a mesma gaita. Tu queres dar comigo em doido. Estou estafado da joga que tive esta tarde, a querer descansar numa boa e tu não me largas com essa das arrumações. Pareces uma miúda...

Foi então que o Jorge reparou que o Francisco estava a ver futebol na televisão e, ainda irritado, quis saber com toda a delicadeza que a situação exigia:

– Mas, afinal, que caraças é isso?

– Qual caraças?

– Isso, que estás aí a ver!...

– Silveira contra o Santa Marta – informou o Francisco em tom neutro.

– Mas tu agora até jogos da segunda divisão vês? O que é a miséria!

– Não é segunda divisão. É liga de honra que se diz. E isto não é liga de honra. É taça de Portugal.

– Se não é liga de honra, porque é que falaste em liga de honra?

– Eu?! Tu é que falaste em segunda divisão!

– Ó pá, que se lixe! Quero lá saber disso para alguma coisa! Queria era que de vez em quando tu deixasses a tua tralha em ordem nesta trampa de casa!

O Francisco armou-se do seu ar mais paciente e concedeu:
– Tem calma, Jorge. No intervalo ponho tudo em ordem.
– Pões, pões... Sei muito bem como é essa conversa mole!
– Já disse que ponho! – retorquiu o Francisco, subindo um grau na escala de dureza de voz. – E até parece que sou só eu que faço javardice!

Aí o Jorge estacou, verdadeiramente espantado.

E o Francisco passou a explicar:

– Sim! Quando as minhas namoradas vêm para aqui ver filmes e comer pipocas, não é a mesma coisa?! Não encontram isto tudo como uma pensão de zero estrelas?

– Comer pipocas e ver filmes?... 'Tá-se mesmo a ver... Agora é isso que lhe chamas!

– Eu sou um cavalheiro...

– Mas ouve lá, ó meu cavalheiro da treta, o que é que tu queres dizer com isso? É a mesma coisa como? Alguma vez eu deixo isto na mesma balda que tu? Só podes estar a brincar!...

– Ai é?! Parece que não deixas sempre as mines espalhadas por tudo quanto é canto!

– Ó Chico, essa não! Por favor... uma garrafinha de cerveja fora de sítio de vez em quando, e é o máximo!

– 'Tá bem, mas é desarrumação!

– Mas nada que se compare contigo. Entra-se no teu quarto e é caixas de piza com bocados velhos a cheirar mal...

– Agora sou eu que digo que só podes estar a brincar! Como se eu fosse capaz de deixar piza por comer. Sabes muito bem que dou sempre cabo daquilo tudo.

– Então, se não é piza, é outra porcaria qualquer. *Pita shoarma* ou *wrap* de comida grega ou dessas coisas que tu trazes para empestar esta pocilga. Basta abrir a porta do teu quarto para vir uma onda de cheiro insuportável!

– Vês? Vês como estás para aí a inventar?! Isso não é verdade, porque eu deixo sempre a janela aberta a arejar!

– Ó pá, não brinques comigo! Aquilo é um cheiro que não se pode!

– Hii! Que exagero!

– Não percebo como é que as miúdas que tu trazes aguentam!...

– Deve ser ao meu charme que elas não resistem...

– Só podes estar a gozar na minha cara!

– Invejoso!

– E cuecas e t-shirts suadas por tudo quanto é canto! Não tens medo de as tuas amiguinhas encontrarem meias sujas no meio das pipocas?

– Não há esse perigo. Ponho a roupa que é para lavar sempre no cesto. Sabes muito bem que não dou trabalho nenhum à Dona Almerinda.

– Essa só se for para rir! Abre os olhos, cego! Já viste onde tens as calças, onde tens a toalha, já sem falar nas boxers do Tazz?! É preciso ter lata para dizeres que pões tudo no cesto! A desgraçada da velha tem o dobro do trabalho que poderia ter se tu não pusesses esta selva toda de pantanas diariamente.

– Tem cuidado, Jorge. Estás aqui estás a dizer que eu mijo sem levantar a tampa da retrete ou uma mariquice qualquer dessas. E olha que eu ainda não estou casado contigo!

– Vai-te encher de moscas!

E o Jorge ia a debandar furioso, em direcção à cozinha, quando fez meia volta e, perante a recuperada indiferença do Francisco, de novo mergulhado nas proezas atléticas do plantel de Silveira e Santa Marta, renovou o ataque:

– És um inútil! Quando é que pensas em fazer qualquer coisa de jeito?

– Inútil, porquê? – surpreendeu-se o Francisco com aquilo que lhe soava como uma bordoadá completamente despropositada. – Quem é que leva sempre a reciclagem para baixo?

Considerava que separar o lixo era uma contribuição mais do que razoável para a salvação do planeta. A sua quota-parte do esforço civilizacional a que todos os homens são chamados estava mais do que cumprida. Por isso, todo o discurso do Jorge lhe chegava tingido de falso moralismo. E com aquela da reciclagem

estava convicto de que tinha dado uma estocada decisiva na querela. Era certo que gostava imenso de deixar cair as garrafas no vidro. Fazia um barulho agradável e dava muito menos trabalho do que despejar embalagens sujas e pegajosas ou a papelada, sobretudo as *Bolas* e os *Records* já lidos ou os envelopes das contas do gás e da electricidade que o Jorge arquivava religiosamente. Não obstante, o trunfo da reciclagem tinha vindo a calhar.

Por isso, foi com surpresa que verificou que o Jorge não desarmava:

– Não fazes nada! Não estudas, não trabalhas, sei lá!

– Não estudo, não! – reagiu o Francisco. – Tenho uma ou duas cadeiras para acabar o curso.

– Uma ou duas?!

– É pá, não tenho bem a certeza!...

– Há quantos anos!? Há quantos anos andas nessa chachada?

– Não sabia que te chamavas Amália!

– Agora estás a chamar-me Amélia?! Estás a chamar-me maricas?!

– Não disse Amélia, foi Amália!

– Quero lá saber! É a mesma coisa!

– Não é, não! Mais respeitinho. Amália é o nome da minha mãe.

–???

– Não fiques com cara de parvo. Só estava a querer dizer que tu pareces a minha mãe, com essa de estar sempre a querer saber quando é que eu me formo!

– Ouve, eu não quero saber disso para nada. O que eu queria era perceber como é que tu consegues pagar a tua parte da renda. Ou melhor, como é que não consegues, que já me deves dois meses e vamos rapidamente a caminho do terceiro.

– Pago-te logo que possa! Já sabes.

– Já é muita massa! Três meses!

– Não desvies a conversa, Jorge!

– É preciso ter lata! Eu é que desvio a conversa? Quando é que tu me pagas?

– Mau!... Estamos a falar de rendas ou de eu não fazer nada?

– E não é a mesma coisa?

– Ó Jorge, tens de ter paciência. Agora estou numa fase em que não posso sacar mais guito aos meus pais. Eles estão numa de crise e além disso pensam que estou mesmo a acabar o curso.

– Ó Chico, essa até parece de filme português! E a preto e branco! Só falta aparecerem por aí as tias da província!

– Fizeste bem em lembrar-me isso. Um dia destes tenho de sacar algum à prima Dolores.

– À prima quem?

– Dolores. My name is Dolores. Prima Dolores.

– O que tu devias era começar a pensar a sério em arranjar trabalho!

– Achas?! – espantou-se o Francisco. – Tem piada. Ainda há bocado estava nessa onda. E agora lá estás tu a dizer a mesma coisa. É bom sinal. Deve querer dizer que é a altura certa para procurar emprego. Tens aí algum jornal gratuito? Hoje sacaste algum na rua?

Não, o Jorge não tinha sacado nenhum jornal gratuito.

– Ó pá, não te desculpes com isso – repreendeu-o ele. – Vais à internet e comesas a procurar. Não tem de ser no jornal!

Mas o Francisco não estava numa de ir para o computador. O Silveira contra o Santa Marta ainda não tinha acabado.

E, para ir dando trela ao Jorge, lamentou-se com ar de quem já tentou tudo:

– Sabes, isto, com a crise, não está fácil de arranjar alguma coisa...

– Ouve lá, a sério – sugeriu o Jorge. – Podes sempre servir numa esplanada. Há montes de sítios a pedir gente para isso e até tu consegues!

O Francisco fingiu não perceber a bicada e preferiu desconversar:

– Agora o verão já acabou e esplanadas não dá.

– Então, porque é que não te inscreves na Telepizza ou na Pizza Hut? – insistiu o Jorge.

– Tenho medo de escorregar na mota com a chuva. Pá, nunca andei de mota. E também posso ser roubado. Sei de um gajo que entrou numa casa e um cão enorme atirou-se-lhe à piza atraído pelo cheiro a chouriço. Teve sorte de sair de lá vivo. E ainda teve de pagar a piza à empresa.

– *Muita* louco!

Do Francisco não vinham ideias nenhuma, mas o Jorge não desistiu:

– Por falar em cães, que tal passear cães?

– O quê, eu a fazer *dog-sitting*?! Estás mas é maluco! Andas a ver muitas comédias românticas. Aí, nos filmes, é que a malta passeia cães. Tu não vês que tem de ser qualquer coisa relacionada com o meu curso?

O Jorge já estava a ficar desesperado e atacou com um coice traiçoeiro:

– Mas para que é que serve afinal essa porcaria de curso que andas a fingir que tiras?

– Não é porcaria nenhuma, é Marketing e Comunicação.

– Pois, eu sei. E para o que é que isso serve?

– Para muita coisa. Olha, por exemplo, para trabalhar em empresas. Sei lá, precisas de divulgar um produto novo, ou comunicar um evento, contratas-me a mim. Ou trabalhar em publicidade. Precisas de fazer um folheto, contratas-me a mim. Estás a ver?

– Contrato-te antes de acabares o curso?

– Engraçadinho!...

O Jorge ponderou seriamente se valia a pena continuar com aquela cena, até porque estava a ficar com vontade de ir à casa de banho. Mas fez mais uma tentativa:

– Ouve lá, há bocado falaste nos jornais de borla. Porque é que não vais distribuir isso de manhã para os cruzamentos? Eles estão sempre a precisar de pessoal para essa macacada.

– Deves estar doido!

– Doido porquê? São só umas horas de manhã. Ganhas algum e ainda tens o resto do dia para fazer que estudas...

– Então e as aulas da faculdade?

– Quais aulas, pá?! Só com uma ou duas cadeiras, não há-de calhar sempre à primeira hora. E às dez da manhã já espetaste com os jornais todos nas mãos dos otários e ficas livre para a tua aulinha!

– Mas tenho vergonha de ser visto a distribuir jornais. Imagina que a Margarida ou a Vera passam por lá e me vêem...

– O que é que tem?!

– Tenho vergonha...

– De manhã elas ainda estão a dormir ou já estão nas aulas. E se passarem por lá isso resolve-se. Eles dão-te um impermeável e ficas disfarçado.

– Bem, bem, temos de pensar nisso... – remexeu-se o Francisco no sofá, pouco confortável com a ideia.

E, para desviar para canto, disse com ar muito sério:

– Devias estar a ver isto, Jorge. Estes tipos são muito melhores do que eu pensava...

E preparava-se para desenvolver o tema, elogiando a visão táctica da sólida estrutura do meio campo do Santa Marta, quando o Jorge recomendou:

– Vai-te lixar! Quando o assunto não te agrada, viras-te para essa bosta que não interessa a ninguém!

E, rumando à casa de banho, exigiu:

– Vou-me sentar no trono. E quando sair quero ver o teu lixo todo arrumado!

O Francisco voltou a esfregar as costas ao sofá, enquanto o jogo na televisão se misturava de forma difusa com imagens de entregadores a enfiar jornais pelas nespas entreabertas das janelas dos carros engarrafados e de entregadores de piza a passarem sinais vermelhos nas suas motocicletas. E concluiu que o fascinante universo do trabalho precário que se abria à sua frente não lhe agradava em demasia.

«Onde terei eu o número da prima Dolores?» pensou ele. «Tenho mesmo de ir lá dar-lhe graxa!»

CAPÍTULO 2

A conversa ao telefone foi um pouco surreal.

A senhora já devia estar surda. Ou então era a ligação que estava com problemas. «Ainda bem que esperei que o Jorge saísse, para falar à vontade», pensou o Francisco quando se viu aos berros para o fixo:

– Ó prima, eu quero ir aí visitá-la! Sim, VI-SI-TÁ-LA, prima Dolores!

– ...

– Porquê?! Porque... porque... porque já não estou com a prima há muito tempo!

Não lhe soara muito convincente, mas parecia que a Dolores tinha engolido anzol e isco. Depois de lhe perguntar se já tinha ido à tropa, ou se ainda andava a estudar, combinaram uma hora a meio da tarde, logo no dia seguinte.

Era ótimo. Por ele, para os seus objectivos, quanto mais cedo melhor. E, para ela, que não devia ter muito que fazer, qualquer dia estava bem.

«A minha visita de certeza que acaba por ser uma distracção para a velha, no meio daquelas rezas todas em que ela gasta o tempo», pensou o Francisco. «De certa forma, sou um programão para a Dolores», concluiu satisfeito, ao ver que isso contribuiria de modo positivo para os seus intuitos. Mal não podia fazer.

Jeans e um pólo deviam estar adequados à função.

Teve alguma dificuldade em dar com aquilo, do outro lado da cidade. Falta de hábito... Felizmente, saíra com tempo porque se lembrava de que a prima gostava de pontualidade.

Um bairro velho e respeitável, com mercearias à antiga, lugar da fruta, cafés de esquina, drogaria.

«Por acaso até é porreirinho! Mas para estacionar deve ser um pesadelo...»

À cautela, levava um papel. Conferiu o número do prédio e tocou à campainha. Não havia intercomunicador e abriram-lhe a porta quase no instante seguinte. Estaria a prima a vigiar a sua chegada à janela?

Por dentro a caverna ainda parecia mais velha do que por fora. Escada de madeira, sem elevador. Sendo o andar da Dolores o primeiro, não pôde deixar de se perguntar como fariam os outros desgraçados para levar as compras do supermercado.

Ainda estava no patamar do lanço do meio quando ouviu o trinco desprender-se em cima.

Tanto quanto se lembrava da prima, aquela não era a Dolores. Mas encaixava no quadro: uma criada tão velha quanto a patroa, que o encaminhou através de uns cortinados sinistros para a sala onde a prima o esperava, embrulhada num xaile, com os joelhos cobertos pela camilha onde se escondia uma braseira eléctrica.

«Como é possível, com este tempo?! Já não é o calor do verão, mas caneco, frio para xaile e braseira é que não está!»

Um livro de santos, aberto ao contrário, marcava a leitura que a sua aparição decerto interrompera.

O Francisco inclinou-se para dois beijinhos e, fiel à estratégia que delineara, optou pelo estilo efusivo e jovial:

– Ó prima, não está assim tanto frio. Os dias ainda estão muito bonitos!

«Dias muito bonitos... Se o pessoal me ouvisse, até pensava que eu tinha abichanado.»

Afastando a tentação da autocrítica naquele momento inoportuno, avançou resolutamente:

– Então a prima como tem passado?

A prima já estava um pouco dura de ouvido.

– Perguntei-lhe como tem passado...

A coisa custava a arrancar. E o Francisco recorria a todos os trunfos da memória para manter a conversa:

– E das tias de Freixieiro, tem sabido notícias?

O tema doenças devia ser à prova de bala e o Francisco optou por jogar pelo seguro:

– Uma delas estava doente, não estava? Não me recordo se era a tia Mariazinha, se era a tia Leninha...

«Mau, agora não tenho a certeza se a velha se chama Leninha ou Luisinha, mas como esta está surda talvez não note a diferença.»

– Sim, sim, muito doente – assentiu com pesar a prima. – Tão doente que morreu vai para mais de seis ou sete anos... Coitada! Aliás, morreram as duas nessa altura, a Mariazinha e a Amálinha.

«Gaita! Não acerto uma!»

– O menino sabe que a sua mãe se chama Amália por causa da tia Amálinha?

– Claro, prima! – respondeu, aliviado por o assunto se ter desviado.

A criada é que não o largou com o seu olhar penetrante e cada vez mais desconfiado, não sendo capaz de evitar uma fungadela trocista. Parecendo dar de repente pela presença dela, a Dolores enxotou-a com um gesto brusco:

– Vá, vá, Silvina! O que está para aí especada a fazer? – E depois, para o Francisco: – Parece impossível, passados estes anos todos ainda não aprendeu.

«Parece impossível, passados estes anos todos ainda não morreu», esforçou-se o rapaz por afastar o despropositado pensamento; e declarou com um sorriso postiço:

– Está muito bem para a idade, a Silvina! Não tão bem quanto a prima, claro, mas mesmo assim muito bem.

A Dolores manteve-se à margem de mais considerações sobre o grau de conservação do seu pessoal interno e inquiriu:



«O Francisco era um zero na faculdade. Uma realidade que o preocupava sem exageros dramáticos. Nesse aspecto, como em quase todos os outros, a vida não lhe tinha sido pintada em cores fortes. Qualquer pensamento negro a propósito de nunca mais acabar o curso, de deixar arrastar umas miseráveis cadeiras que não havia meio de despachar era rapidamente equilibrado com facetas mais risonhas da sua existência. Como a namorada do momento, o torneio de futebol de sete das terças-feiras, um filme de pancadaria na sessão da meia-noite.»

Mas como a necessidade aguça o engenho, eis que uma cunha de uma prima «beata» lhe abre as portas não só do mundo do trabalho, mas também de um universo que lhe é completamente estranho. Uma nova e surpreendente experiência de consequências imprevisíveis na sua vida, de que o presente volume revela os primeiros passos...

www.lucerna.pt

ISBN 978-989-8516-13-8



9 789898 516138